

# Os recursos culturais do povo Tuaregue diante dos desafios do desenvolvimento\*

The cultural resources of the Tuaregue people before the challenges of development

*Los recursos culturales del pueblo Tuaregue frente a los desafíos del desarrollo*

Issyad Ag Kato\*\*

---

**Resumo:** O presente relato, mostra um pouco da história e organização social das comunidades nômades tuaregues, que habitam o deserto de Sahara, abrangendo vários países do continente africano. Conta as origens e o processo de formação da identidade tuaregue, a resistência cultural ao processo de colonização francesa e a luta atual para se desenvolverem como unidade integrada, frente à rachadura territorial imposta pelos Estados nacionais criados pelos colonizadores, apoiando-se nas potencialidades da própria cultura e das riquezas de seu espaço de vida, com apoio de algumas organizações internacionais simpatizantes.

**Palavras-chave:** cultura; resistência cultural; desenvolvimento local.

**Abstract:** The present account shows a little of the history and social organization of the Tuaregue nomadic communities who live in the Sahara desert, reaching into various countries of the African continent. The process for the formation of the Tuaregue identity has in its origins cultural resistance to the French colonization process and the current struggle to develop as an integrated unit, facing the territorial break imposed by the national States created by the colonizers, seeking support from their own cultural potential

**Key words:** culture, cultural resistance, local development.

**Resumen:** El presente relato, muestra un poco de la historia y organización social de las comunidades nómadas tuaregues, que habitan el desierto de Sahara, abarcando varios países del continente africano. Cuenta los orígenes y el proceso de formación de la identidad tuaregue, la resistencia cultural al proceso de colonización francesa y la lucha actual para desarrollarse como unidad integrada, frente al agrietamiento territorial impuesta por los Estados nacionales creados por los colonizadores, apoyándose en las potencialidades de la propia cultura y de las riquezas de su espacio de vida, con apoyo de algunas organizaciones internacionales simpatizantes.

**Palavras clave:** cultura; resistencia cultural; desarrollo local.

---

## Introdução

O mundo transformou-se em uma aldeia. As trocas, apesar das distâncias, passaram a serem feitas em tempo real. As preocupações podem ter sido divididas, mas o destino dos homens é indivisível. Todas essas verdades nos levam, cada vez mais, a dividir tudo. Nesta dinâmica planetária, cada comunidade, cada povo, cada país, cada continente, apresenta-se com sua personalidade, seu potencial, suas forças e suas fraquezas. Estas são suas armas, nesta batalha do desenvolvimento econômico mundial, em que as necessidades crescem mais rapidamente que os meios para saciá-las. Mas é por se apresentar de forma tão global, que o desenvolvimento sustentável passa, obrigatoriamente, pelo desenvolvimento local. É da soma coerente dos desenvolvimentos locais que se faz o desenvolvimento global. É aqui que os vários tipos de comunidades e suas ascendências históricas intervêm, misturam-se e se entrelaçam. Qual deve ser essa participação? Sobre o que elas podem se basear?

A nação tuaregue não está sozinha nesta batalha. Com o objetivo de avaliarmos melhor suas chances nesse mundo, visitaremos seu passado e, então conheceremos seu quadro de vida atual e, finalmente, examinaremos suas perspectivas de futuro. Esse exame é tão necessário, quanto o destino dos tuaregues é particular. Quem vive nesse mundo, poderia estar sob o risco de viver sem eles, não fosse um último sobressalto de sobrevivência e a simpática atenção dos amigos do mundo inteiro.

## 1 Evolução histórica da Nação Tuaregue: quem é o homem tuaregue?

Os termos, “tuaregue” e “berbere” pelos quais nos chamaram, os árabes e os europeus, são estranhos à nossa língua e as suas conotações são contrárias aos valores e virtudes contidas no termo, pelo qual designamos a nós mesmos. De fato, nós nos chamamos por *imajighane* e nossa língua de *tamajakht*. Nesses vocábulos, colocamos um dos sentidos da liberdade ou da independên-

---

\* Tradução: Cleonice Alexandre Le Bourlegat e André Joseph Le Bourlegat

\*\* Issyad Ag Kato é um líder tuaregue e antigo dirigente militar durante a época da guerrilha contra o Estado nigeriano, entre 1990 e 1996. Atualmente é encarregado de Missão, junto ao Presidente da Assembleia Nacional do Niger. Presidente da Associação Tuaregue Vida e Desenvolvimento Sustentável - TEDHILT, membro do Gabinete Executivo do Congresso Mundial Amazighe (berbere) e membro fundador da Fundação de Desertos do Mundo. Presidente da ONG TEDHILT, BP - Niamey - Niger - África (issyad-ag-kato@voila.fr).

cia que escapa a muitos outros povos. Esta liberdade ou independência que concerne a *imajighane* só pode ser conferida por um comportamento impregnado de nobreza, de respeito profundo aos valores sagrados humanos, os mais sagrados. Tornamo-nos *amajigh* ao final desta dialética bastante árdua. Mesmo se já nascemos *amajigh*, a luta durante toda nossa vida consiste em permanecer assim; é um estado que se merece e contrariamente a tudo o que é muitas vezes difundido, não nos tornamos assim, apenas pelo fio da espada. A tirania desaparece nesta situação. Ao contrário, é a retidão, a legitimidade e o senso do dever que nos ancoram. É a sociedade inteira que nos julga, baseada em seus valores e que nos reconhece como tais. Só podemos estar aptos a regulá-la, dirigi-la e defendê-la, quando encarnamos seus valores mais sagrados. A gestão do mecanismo de enobrecimento de um indivíduo, família ou clã, é confiado a um dos elos integrantes do tecido desse corpo social tuaregue, a quem cabe o papel de administrar a censura social.

## 2 A arquitetura social da identidade Tuaregue

É difícil falar do corpo social e de seus componentes sem se alongar muito. Retenhamos de uma forma sintética, que o esqueleto social tuaregue é estruturado, com base nos seguintes corpos, citados abaixo:

- O corpo dirigente, a quem é confiado o exercício do poder executivo e que é assimilável à aristocracia clássica. Os membros desse corpo são chamados *imajighane*.
- O corpo dos religiosos, a quem é confiado um papel próximo daquele de um clérigo clássico, sendo chamado de *inislimane*.
- O corpo das disciplinas, que agrupa todos os homens livres que constituem o prolongamento armado do poder executivo, sendo chamados de *imghad*.
- O corpo dos homens de ciência, que detêm a tecnologia e o saber terrestre. Eles se chamam *inadane*. É a eles que é confiada a tarefa da censura social. O seu papel é moldável, à vontade daqueles que dirigem. Eles estão a seu serviço.
- A classe servil constituída, de início por homens estrangeiros à sociedade (contro-

lados no decorrer da marcha de conquista do povo tuaregue), mas que são integrados, pouco a pouco, segundo suas aptidões em adquirir as características de nobreza. Nos tuaregues, um homem é livre, quando deixa de ser um perigo à sociedade, pelo seu comportamento. A classe servil é, muitas vezes, repartida entre as outras classes. Tarefas subalternas lhe são confiadas. Esta classe é composta de *eklan* (derivativo de *takwalt*: cor preta).

O funcionamento desta estrutura é bastante complexo. Lembremos somente que cada elo desta corrente é útil a todos os outros e, que é a solidariedade do conjunto que constitui o mundo tuaregue. Se um só desses elementos faltar, esse mundo é amputado. Como veremos adiante, o enfraquecimento atual do povo tuaregue é conseqüência de disfunções observadas desde o início do século XX, ocasionadas pela dominação colonial. Foi a partir daí que a trama do desenvolvimento foi perturbada. A regulação da sociedade não se faz mais baseada em regras originais. Outros vieram impor as suas, sem conseguir assentá-las até hoje, mesmo tendo se dado desde há tanto tempo, diante de uma resistência tuaregue bastante tenaz.

## 3 A civilização Tuaregue: um caminhar milenário

Um rápido histórico do caminhar do povo tuaregue, nos levaria fora da África, para chegar nos altos planaltos mongóis e na antiga Mesopotâmia, ou na antiga Fenícia, portanto, um conjunto de origens que nos colocam no centro da Ásia. A Europa nos acolheu muito mais tarde, num movimento migratório levado a oeste. Estas migrações milenares conferiram nossas origens indo-européias. Mas voltemos à África, que se tornou definitivamente o molde de nossa identidade atual. O império egípcio foi o início de nossa odisséia africana. De fato, foram as dinastias destituídas do poder, que fundaram o Império Líbio, há 300 anos AC. O novo império estendia-se do atual vale de Siwa, no oeste egípcio, até o oceano Atlântico ao oeste. O limite sul foi, pouco a pouco, delimitado pela migração lenta e progressiva. O cenário desse movimento migratório foi o Sahara central, que foi e perma-

nece o berço da civilização tuaregue, no qual misturaram-se raças amarelas, brancas e negras, e que finalmente deram lugar a essa formidável mistura racial, unida em torno da mesma identidade e, cuja âncora é a língua *tamajakht*, escrita com o alfabeto que nos legaram nossos originários fenícios e que, se chama *tifinagh*.

O primeiro imperador a reinar sobre o Império Líbio chamava-se Ifriquos, nome que veio da armadura de ferro com a qual o imperador esteve sempre vestido, formado de várias *tifareghene* (peças forjadas e trabalhadas em ferro que entram no conjunto de uma armadura). Os árabes transformaram esse nome em *ifriquia*. As primeiras crônicas que permitiram aos europeus conhecerem a África, chegaram até eles pelos árabes e todas falavam a respeito desse personagem. Não é proibido pensar que o nome do continente veio daí.

#### 4 A Nação Tuaregue: origens da desestabilização

Essa bela história começou a ser abalada pelas conquistas e invasões estrangeiras, principalmente a conquista islâmica, conduzida pelos árabes vindos da península arábica, a partir do século VII de nossa era. A chegada desses povos conquistadores dispersou o conjunto tuaregue e o empurrou tanto para o sul do Sahara, como para os maciços montanhosos do Sahara e para a costa mediterrânea. Uma boa parte da nação tuaregue foi anexada desde com todas as seqüelas que acompanharam essa anexação. A parte deles que resistiu conseguiu, muito mais tarde, recompor a nação toda, ao longo do Sahara central. Os tuaregues adotaram o Islã, muito tempo depois, no século IX, graças ao método pacífico dos Fatimiditas (descendentes diretos do Profeta Mensageiro Mohamed - OSL), que não procuraram nos despersonalizar, ao se fundar como povo. Desde esta época, os tuaregues tornaram-se muçulmanos, mas não perderam a sua identidade. Nessa osmose, o Islã foi quem mais se adaptou à nossa civilização, cujos valores foram aqueles já apreçados. Os tuaregues tornaram-se os porta-bandeira dessa religião, na parte meridional do Sahara, o Sahel.

#### 5 Os efeitos devastadores da colonização francesa

A história recente da nação tuaregue foi marcada pela colonização européia, principalmente a francesa, durante a primeira metade do século XX. Após resistir ao avanço colonialista, os tuaregues vencidos militarmente entre 1904 e 1918, suportaram e ainda hoje suportam os efeitos perversos da colonização. Assim que seu território foi descolonizado, ele foi recortado da África do Norte à África do Oeste. Desse modo encontraram-se divididos entre a Argélia, a Líbia, o Niger, o Mali e o Burkina Faso. Em cada um desses países, os tuaregues ocuparam as posições sociais mais desconfortáveis, colocados em uma situação de parias e de intrusos. Ninguém mais quer saber deles. Quase sempre são considerados cidadãos de segunda classe, sendo vítimas de todo tipo de opressão. O colonizador convenceu os povos com os quais ele passou a se relacionar, de que os tuaregues seriam homens diferenciados, cometidos por todos os pecados de Davi e ainda de que sua identidade seria incompatível com os modelos de nações instauradas. Foram considerados, até mesmo, antídotos; inimigos jurados, uma identidade que eles deveriam fazer desaparecer, a qualquer custo. Não tendo atingido esse intento, o colonizador conseguiu prolongar seu domínio sobre a nação tuaregue, através desses Estados constituídos por diversas peças, desrespeitando o equilíbrio geopolítico natural anterior desses povos.

Nosso erro em relação aos franceses foi, o de contarmos com um sistema político, administrativo e social elaborado, assimilável aos modelos ocidentais, ao menos o mais procurado. Saímos, portanto, dos conceitos simplistas que tem os europeus sobre a África, para nos tornarmos potenciais concorrentes nessas terras, cheias de riquezas naturais, que os impérios europeus decidiram transformar em suas reservas. Militarmente vencidos, os tuaregues tornaram-se alvo de todas as estratégias destrutivas da administração colonial. O resultado, após varias décadas, foi o esfacelamento de seu tecido social, tanto no plano da organização estrutural e institucional, quanto nos planos político, administrativo, social e econômico. Os

tuaregues não contam mais com território, no qual possam exercer o pouco de poder que lhes sobra. A gestão coletiva da comunidade passou à mãos do dominador. Tornaram-se vulneráveis e à mercê de todos os perigos, tanto humanos quanto naturais. Seu sistema desarticulado não pode mais protegê-los eficazmente.

## 6 Uma nova era no horizonte

Hoje, ainda há uma sociedade tuaregue, num olhar mais otimista, que tenta se manter nesse ambiente mundial difícil. Através de um último sobressalto de orgulho e de sobrevida, graças à matriz de sua civilização, felizmente ainda viva, ela reconstrói, vagarosamente, um novo mundo tuaregue. Como veremos mais abaixo, ao redor dessas relíquias, pode se obter a visão moderna e adaptada às exigências do nosso mundo atual. Isto tem sido possível, graças à solidariedade internacional, que vem se sensibilizando cada vez mais com essa civilização, desde a revolta armada ocorrida na última década, e dos esforços diplomáticos que acompanharam o destino dessa civilização milenar e de algumas opiniões internacionais. No conjunto dos países nascidos da “balkanização” da nação tuaregue, os tuaregues, hoje, representam de 5 a 6 milhões. Eles vivem num espaço econômico rico e detêm capitais importantes. Os tuaregues podem, dessa maneira, serem atores econômicos, ocupando um lugar de destaque na batalha do desenvolvimento. É por esse motivo, que pretendemos integrá-los, valorizando seu potencial cultural e sócio-econômico.

Quais seriam os mecanismos culturais ainda salvaguardados que tornariam os tuaregues aptos a participar do processo de desenvolvimento, infelizmente mundial, através de um desenvolvimento local compatível com as exigências normativas do desenvolvimento sustentável?

## 7 A gestão dos territórios tuaregues: um sistema dinâmico adaptado ao seu quadro e ao seu modo de vida

Povos postos à prova desde suas origens, diante da adversidade da natureza, os *imajighane* souberam se dotar, ao longo dos

séculos, de mecanismos sofisticados de regulação e gestão de seu capital econômico. Apesar de terem sido submetidos ao pior, pelas desonras vistas acima, esses mecanismos lhes servem ainda para permanecer em harmonia com o seu meio físico, social e econômico. Veremos a seguir, a gestão territorial compartilhada em todas as escalas da estrutura social.

Desde o início, o povo “tuaregue” soube que o meio físico no qual ele vive, constitui sua principal riqueza. Principalmente, na qualidade de pastores nômades, os *imajighane* sabem que devem viver em harmonia com esse meio, que acolhe a eles e seus rebanhos, e que ainda lhes fornecem os meios de subsistência, em quantidade e qualidade. É a única prova de um desenvolvimento local sustentável. Esse meio é constituído de desertos, oásis, de planícies e montanhas. Cada um desses elementos é o objeto de um estudo diferente. Todo deslocamento em seu interior visa respeitar o equilíbrio ecológico.

O conjunto do espaço territorial pertence à nação. A noção de propriedade fundiária individual não existe entre os tuaregues. É substituída por uma noção próxima de concessão. Entretanto a cadeia de responsabilidades inicia-se no indivíduo, passando pela família, pelo clã, pela tribo, pela federação, pela confederação e acaba na nação, ela sendo a responsável diante do cosmos, devendo-se respeitar seu equilíbrio. Cada elo da cadeia deve respeitar as normas de gestão elaboradas pelo escalão superior. Diante do bem comum, nenhuma tolerância é admitida. Deste modo, o micro espaço concedido é objeto de uma gestão rigorosa. Ninguém tem interesse a ser chamado à atenção pela *Assagawar* (Assembléia constituinte) do nível diretamente acima, para prestar conta de um mau comportamento. Os elementos, entendidos como recursos nesse território, são, geralmente, a pastagem, a flora, a fauna, a água, as árvores, os produtos da coleta, etc.

O ciclo dos deslocamentos é regulamentado, de maneira que o equilíbrio ecológico seja preservado. A cada estação, corresponde um percurso e um espaço bem determinado. Durante o período frio, por exemplo, os deslocamentos internos são limitados, em favor dos deslocamentos exteriores, em

direção dos vizinhos, para as trocas econômicas. A estação de inverno é aproveitada para o deslocamento e a convergência do conjunto dos corpos sociais em direção a uma zona de reagrupamento. É a estação dos encontros, das conversas coletivas, dos intercâmbios e das manifestações festivas. A comunidade fica dispensada das tarefas da água e da pastagem, ela pode se reencontrar para os balanços e as perspectivas da vida coletiva, em todos os níveis. Durante a estação seca, é observado todo rigor necessário para gerir as pastagens e os recursos, a fim de atravessar este período de união, muitas vezes difícil. O acesso a certos recursos, como as gramíneas selvagens e a colheita, condenado durante o período de abundância é autorizado nesse período.

A furação dos poços dentro dos espaços tribais, intertribais, federais, interfederais, confederais e interconfederais, respeita um código de rede, muito bem elaborado. Não há lugar para o improvisado. Os limites territoriais apesar de serem invisíveis ao mundo estrangeiro estão muitos bem marcados e são conhecidos dos tuaregues. A exploração dos pontos de água é livre, porque a água é a vida e, recusá-la mesmo ao inimigo, é contrário ao código "tuaregue", mas está sujeita a um código. Em geral, os poços são cavados nos limites territoriais para facilitar o acesso. No momento de sua utilização, cada tribo orienta a polia em direção a seu território, de modo que o uso ligado ao percurso cotidiano, seja suportado pelo seu espaço. A tribo vem e volta ao seu acampamento sempre pelo mesmo caminho. Evitamos assim, conflitos e usurpações abusivas.

A tribo é responsável por seu espaço, sob todos os aspectos. Ela explora todos os recursos que possui. Ela não tem o direito de ceder sua concessão a uma comunidade estranha à sua nação. Mas ela pode acolher uma tribo da mesma federação, ou não, e nesse caso, ela recebe uma notificação do nível superior. Por outro lado, a vigilância militar desse espaço lhe é atribuída. Entretanto a iniciativa de guerras defensivas, em caso de invasão, é de responsabilidade do nível superior, que reúne os meios necessários a esta defesa e, assegura a coordenação do corpo de defesa.

Em caso de violação deste funcionamento, voluntariamente ou por negligência,

a tribo é passível de desterritorialização. A gestão do espaço lhe é retirada. Paga sua inaptidão, sendo obrigada a emigrar. Mas as regras confederais mobilizam a federação vizinha para acolhê-la, arranjando-lhe um asilo. Entre os nômades assim como toda água é a vida *Aman iman*, a situação de um território é vital para o exercício da liberdade. A perda da gestão do território por uma tribo, de modo geral, não é definitiva. Após um tempo de exclusão, reexaminamos seu caso, avaliando seu comportamento dentro da federação anfitriã. Podemos, então, conceder-lhe novamente um território. Durante seu período de castigo, a tribo designada pelo termo *tamangart* (aquela que é adotada, que se apóia em alguém já que esta enferma) não goza mais da liberdade de se locomover.

As faltas que podem lhe levar a esta exclusão poderiam ser de várias naturezas como, por exemplo, ceder sem autorização, o seu direito a um corpo estrangeiro; uma má vigilância que tenha implicado em um incêndio na mata, num uso abusivo da pastagem ou de outros recursos naturais, a recusa de socorro a uma tribo vizinha em dificuldade, etc. Só o *assagawar* é habilitado a julgar essas situações e deliberar, segundo o interesse geral.

## 8 A gestão do meio: previsão e regulação das crises climáticas

É no conjunto do espaço territorial que são repartidas as zonas reservadas à segurança alimentar dos homens e dos animais. Na antiga *Tamajakht* o termo "*agdal*" designa essas zonas. Ele significa literalmente "interditado". Na atual cidade de Rabat, no Marrocos, existe um bairro que se chama *agdal* e que tem o nome de uma zona reservada aos reis, aos reis *Amazigh* que reinaram nesta parte do território marroquino, em uma época longínqua.

Estas zonas são efetivamente interditas para exploração, durante os períodos de abundância. As comunidades as utilizam, durante os períodos de reagrupamento, na estação seca ou durante as secas. Nesses momentos o acesso é admitido, mas se permanece submetido a uma disciplina rigorosa. Nos períodos de seca, assiste-se ao

desaparecimento de certas regras que regem o ciclo dos movimentos de transumância em todos os níveis. Em sua amplitude e sua frequência, os deslocamentos dos homens e dos animais são modificados, para permitir uma ocupação adequada do espaço útil e, para chegar às reservas, situadas, na maioria das vezes, nas montanhas e nos oásis, onde a água e as pastagens são protegidas pelos caprichos da natureza. Os territórios exploráveis são abertos a todo mundo. As comunidades ajustam-se às circunstâncias e os modos alimentares mudam. Os animais que não podem suportar este período difícil são trocados ou vendidos. A desestocagem torna-se a regra.

### **9 A Nação Tuaregue e seus vizinhos: uma solidariedade fundamentada sobre a controvérsia**

Foram as secas que, entre outras coisas, levaram o povo “tuaregue” a estender seus territórios em direção ao sul. Algumas vezes isso se deu em meio à violência. Mas em geral, a convivência com as comunidades do sul, foi reciprocamente vantajosa. De fato, as produções de nossas comunidades são complementares. As do sul, fornecem cereais às do norte, que em contrapartida, fornecem produtos de criação. Durante sua passagem para o sul, os animais adubam os espaços cultivados.

O povo tuaregue e seu território servem de ligação às comunidades do sul em direção do grande norte, o Magreb. Foi assim que nasceu o comércio transahariano. Nessa corrente de intercâmbio, é evidente, que o papel dos tuaregues é capital, dada a posição geográfica estratégica de seu território.

O que acabamos de passar em revista é uma idéia da organização social, administrativa e econômica dos tuaregues no plano interno e externo. Esse sistema funcionou bem, durante os séculos passados, enquanto os tuaregues dependiam deles mesmos em seu território e quando o conjunto do esqueleto social intacto funcionava sem tropeços.

### **10 Os quadros estatais atuais: a necessidade de reformá-los**

Como já mencionamos antes, os tuaregues saíram enfraquecidos do processo colonizador. A sociedade foi desestruturada, suas capacidades de regulação, em tempo normal ou em tempos de crise, foram amplamente amputadas. A classe dirigente foi dizimada. Os outros corpos vagueiam sem coordenação, num espaço, cuja gestão foi entregue a Estados, que estão longe de assumi-los com eficiência. O povo viveu sucessivamente, a conquista, a ocupação colonial, a pacificação, a normalização, tendo como pano de fundo, a expropriação territorial. Fechado em si mesmo, os povos tuaregues, privados de iniciativas, a não ser aquela relativa à sua sobrevivência mínima, e sob dominação, passaram a lamentar a perda de seu elaborado sistema de gestão coletiva e de desenvolvimento.

Hoje os tuaregues fazem parte de um conjunto de Estados, moldados sob medida, no que se diz respeito à configuração geopolítica pretendida pelo colono; voltados ao atendimento de seus interesses específicos. O sistema de gestão desses Estados não faz referência, em nenhum lugar, aos nossos valores culturais e aos nossos conceitos de desenvolvimento. Ele também não está relacionado com normas modernas, nas quais supõe-se que o mesmo se inspire. Hesitantes entre as nossas tradições alteradas e uma hipotética modernidade, os tuaregues sofrem o martírio e a miséria.

As políticas e orientações econômicas de nossos Estados e os modelos decorrentes de desenvolvimento vão, de derrota em derrota, enquanto os atrasos só se acumulam. Neste contexto local, já difícil pelos motivos que acabamos de mencionar, o mundo evoluiu e dita suas regras. Pretendemos, portanto, falar agora, de um desenvolvimento sustentável que tenha como pano de fundo a globalização. Com economias híbridas, políticas econômicas impertinentes, modelos de desenvolvimento pouco eficazes, modos operacionais inoperantes, quais seriam nossas chances, nesta louca corrida em direção ao crescimento econômico?

Para conseguirmos nossa entrada nesse novo cenário mundial de desenvolvimen-

to, nossos Estados deverão, obrigatoriamente, operar reformas, que levem em conta nossos potenciais culturais, por muito tempo, ignorados e ridicularizados, relegados a esquecimentos. Por isso, o Niger, por exemplo, cujo sistema é centralizado ao extremo, desde sua criação, deve soltar as amarras, para permitir às suas comunidades, entre elas o povo tuaregue, usar de seu potencial cultural e seus sistemas de gestão tradicional, para poderem se integrar, em sua marcha para o futuro.

A descentralização, enquanto sistema de administração, pode permitir ao nosso povo encarregar-se de si mesmo, recorrendo aos seus potenciais. Uma vez estabelecida, o Niger pode se orgulhar de dispor de um modelo de desenvolvimento territorial, que responde às aspirações de seus povos. Desse modo, os mesmos estariam se reconciliando com suas identidades, que queriam massacrar, em benefício de um modelo de nação bastarda e sem alma. O Niger poderia dessa maneira, e enfim, dispor de um código rural que fosse a soma dos modos tradicionais de gestão dos territórios. O conjunto do potencial econômico poderia, enfim, ser explorado como conhecimento, para um desenvolvimento sustentável.

### **11 A sociedade civil tuaregue: mutação para uma melhor abertura para o mundo**

Apesar de abandonada a si mesma, há décadas, a comunidade tuaregue dispõe do mínimo para se envolver nessa marcha do mundo, pelo pouco que ela se beneficia da solidariedade internacional. Há uma década, a sociedade civil tuaregue viu nascer em seu seio, organizações e associações de desenvolvimento, que se empenham na melhoria do uso dos recursos locais para um desenvolvimento endógeno, por meio de uma organização moderna do tecido social. Esta transformação voluntária respeita as estruturas tradicionais da sociedade, assim como seus modos de produção.

Assim, a exploração do gado moderniza-se cada vez mais e se adapta ao novo contexto. As produções agrícolas e olerícolas dos oásis estruturam-se cada vez melhor, não só para melhorar o sistema de exploração, mas também para uma produção variada e

de qualidade, respondendo à demanda local, às necessidades do mercado nacional e internacional. Nosso artesanato, um dos melhores do mundo, articulado em torno de uma produção cada vez mais bem estruturada, conquista o mercado mundial, pouco a pouco. Nossos criadores organizam-se em cooperativas, para abocanhar mercados de gado e dos produtos derivados da pecuária, em nossas cidades e mesmo fora de nossas fronteiras.

Todas essas organizações, nascidas, principalmente, da dinâmica revolucionária inspirada nos movimentos armados da última década, criaram uma nova era de desenvolvimento, baseada no potencial local. O Estado desorganizado e regulado pelas lutas de interesses dos clãs, no lugar do desenvolvimento das comunidades, acabou por se deixar ficar distanciado dessas. Já a cooperação descentralizada com as regiões amigas da Europa, ocupa cada vez mais esse espaço.

### **12 O desenvolvimento local das regiões tuaregues com a solidariedade internacional**

A sociedades civis, mencionadas acima, conseguiram, há algum tempo, atrair a solidariedade internacional, de uma forma reduzida, mas eficaz. Podemos mencionar aqui os programas locais estabelecidos pelas populações locais, graças à ajuda de pequenas associações benevolentes ocidentais. Estes programas, verdadeiras fontes de intercâmbios de pesquisas, envolvem todos os domínios do desenvolvimento, tais como os setores sociais, setores dos comerciantes, da cultura, etc. Eles obtêm resultados muito positivos, em pouco tempo e com meios limitados. Fazendo um exame, descobrimos que o segredo de seu sucesso deve-se ao método de estudo. De fato, quanto mais as populações se envolvem na trama do desenvolvimento, principalmente na concepção, operação e avaliação dos programas que os envolvem, mais os resultados são satisfatórios e condizentes com as necessidades de desenvolvimento das comunidades. Nesta forma de colaboração, há um apelo aos seus sistemas tradicionais de gestão e de exploração. Muitas vezes, incorporam a especiali-

dade das pessoas que vieram auxiliá-los. Antes, os grandes programas de desenvolvimento elaborados pelo Estado e as instituições multinacionais, não arriscavam perguntar aos beneficiados sobre suas capacidades intrínsecas e suas aspirações. Os burocratas decretavam que eles não tinham voz no capítulo. Eles pensavam no seu lugar. Está aí como todos estes grandes programas só conseguiram enriquecer aqueles que os iniciaram, financiaram e os executaram.

Na região de Agadez, por exemplo, a cooperação descentralizada com a região da Costa de Armor na França, obtém, atualmente, resultados apreciáveis e duráveis, pela simplicidade do contato e do grau de implicação das populações beneficiadas. Assim os acampamentos, objeto de suas intervenções, melhoraram as suas técnicas tradicionais de proteção ao meio ambiente e a forma de criação de gado. A segurança alimentar foi reforçada, e a poupança tradicional desenvolvida. A população tomou consciência de suas próprias capacidades e as mobilizam para si mesma. Ela passou a ter confiança em seus amigos, que vem de longe para apoiá-la. Já o Estado e seus representantes obtém efeito contrário. De fato, as populações nômades tuaregues ainda guardam na lembrança, os impostos que elas pagaram à força, nos anos 1960, que serviram para lançar as bases da economia nacional, mas que não foram investidos nas zonas nômades. Elas vivem ainda, a experiência da exploração das riquezas mineiras de seu subsolo e das quais não se beneficiaram. É assim que o Estado ficou desacreditado. Para essas populações, nada de positivo pode vir do Estado. A confiança perdida não voltará tão cedo.

## Conclusão

A conclusão deste longo discurso pode ser feita em algumas palavras. Nesta nova era de mundialização e de desenvolvimento sustentável, em que as relações entre os povos mudam cada dia, a uma velocidade fenomenal, o povo tuaregue dispõe de um potencial cultural, humano, econômico, social e institucional, confiável e eficiente. Muito tempo em hibernação, diante de um século de desonras e instabilidade, ainda lhe resta a matriz, que pode servir de ponto de apoio para o desenvolvimento local, que pode ser conduzido e controlado pelas próprias populações. Se tiverem a iniciativa da concepção e execução, os programas locais de desenvolvimento terão a eficiência que poderão torná-los, elegíveis, na corrida para um desenvolvimento sustentável global. Se a cooperação internacional privilegia este eixo, há esperanças de instalação de uma verdadeira era de desenvolvimento, que valorize as potencialidades locais. Para que estas últimas possam se exprimir verdadeiramente, é preciso que as comunidades beneficiem-se de uma margem de manobra suficiente, que só a descentralização do poder de decisão pode lhes conferir. Não haverá desenvolvimento local sem poder de decisão local e não haverá desenvolvimento sustentável global sem desenvolvimentos locais voluntários e respeitosos dos valores locais. É então necessário que as populações locais gozem de uma autonomia política, que lhes permitam se encarregarem de uma dinâmica nacional harmonizada e regulada por um Estado menos pesado e que se volte de uma forma resoluta para o desenvolvimento de seus valores locais.